

Mulheres e mercado laboral: uma análise na sociedade de Brasilândia de Minas

Women and the labor market: an analysis in the society of Brasilândia de Minas

Lunara Martins Pereira¹

Maria Célia da Silva Gonçalves²

Daniela Cristina Silva Borges³

Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida⁴

203

Resumo: A presente pesquisa teve como escopo investigar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado laboral, levando-se em consideração que ainda sofrem assédio e preconceito no ambiente de trabalho, apesar de todos esses anos de história de luta pela igualdade de gênero. A investigação foi realizada durante o ano de 2021 com mulheres da cidade de Brasilândia de Minas localizada no Noroeste de Minas Gerais. A metodologia empregada foi a qualitativa com aspectos quantitativos e de âmbito exploratório, as entrevistadas foram 111 mulheres escolhidas de forma aleatória. A pesquisa apontou que ainda existem dificuldades cruciais para as mulheres ingressarem e ou se manterem no mercado de trabalho, sinalizando para o preconceito com a mão de obra feminina.

Palavras-chave: Mulheres. Igualdade de Gênero. Mercado Laboral

¹ Bacharel em Administração da Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP. E-mail: lunaramartins19993@gmail.com

² Pós-doutorado em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Estágio Pós-doutoral em Economic History Department of Law, Economics, Management and Quantitative Methods-DEMM da Università degli Studi Del Sannio - UNISANNIO - (Benevento, Italy). Visiting Professor da Università degli Studi Del Sannio - UNISANNIO. Pós-doutoranda em História pela Universidade de Évora em Portugal. Possui doutorado em Sociologia e mestrado em História pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: mceliasg@yahoo.com.br

³ Doutora em Saúde Animal; Mestra em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), especialista em Didática do Ensino Superior pela Faculdade Patos de Minas (FPM), professora orientadora da Faculdade Patos de Minas (FPM) e Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJ). E-mail: danybio@hotmail.com

⁴ Professora Adjunta PUC-Goiás-PPGE/EFPH; Doutora em História Cultura/UnB. Mestre em Educação/UNICAMP-PE. Pedagoga/UGG (PUCGO). Líder do Diretório CNPq/PROFE/ Grupo de Pesquisa: Educação, História, Memória, Culturas em Diferentes Espaços Sociais. E-mail: zeneide.cma@gmail.com

Recebido em 27/12/2021

Aprovado em 26/02/2022

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Abstract: The present research aimed to investigate the difficulties faced by women in the labor market, taking into account that they still suffer harassment and prejudice in the work environment despite all these years of history of struggle for gender equality. The investigation was carried out during the year 2021 with women from the city of Brasilândia de Minas located in the Northwest of Minas Gerais. The methodology used was qualitative with quantitative aspects and exploratory scope, the interviewees were 111 women chosen at random. The research pointed out that there are still crucial difficulties for women to enter and or remain in the job market, signaling the prejudice against the female workforce.

Keywords: Women. Gender equality. Labor Market

1. INTRODUÇÃO

A história da mulher é marcada por lutas e resistências, não só no Brasil mas de uma forma global. Formas necessários anos de atuação em prol da igualdade de gênero na política, na sociedade e no mercado de trabalho. E mesmo decorridos anos dos movimentos feministas, ainda no século XXI encontramos preconceito e discriminação com mulheres nas questões laborais.

Essa pesquisa entende a importância da igualdade de gênero assim como a preconizada pelo artigo 5 da ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável) “acabar com todas as formas de discriminação de mulheres e meninas não é somente um direito humano básico, mas algo crucial para acelerarmos o desenvolvimento sustentável. Está provado que empoderar mulheres e meninas tem um efeito multiplicador e colabora com o crescimento econômico e o desenvolvimento”. (ONU, ODS, 2012)

Para falarmos da inserção da mulher no mercado de trabalho, faz-se necessário pensarmos dois momentos marcantes da história da humanidade. Ainda no século XVIII quando as mulheres adentram às fábricas, embora com baixíssimos salários e tratamentos desumanos elas passaram, ao lado das crianças, a serem a mão de obra mais utilizada. O outro se trata da primeira metade do século XX, quando ocorreram as duas guerras mundiais e as mulheres que eram consideradas apenas donas de casa, assumiram o papel de provedora do lar, ocupando o lugar dos homens no mercado de trabalho, em decorrência de tal fato, algumas leis começaram a beneficiar as mulheres.

No entanto, essa é uma temática que merece pesquisas para dirimir uma história de machismo e desvalorização das mulheres no mercado de trabalho. Ao afirmarmos isso não estamos negando grandes avanços na legislação trabalhista no que tange a inserção da mulher, mas certamente o que pretendemos é evidenciar a longa luta por igualdade de oportunidades e

salários. O fato da ONU ter considerado esse assunto tão importante que mereceu um dos objetivos do ODS já sinaliza para a necessidade da pesquisa e debate da temática.

Portanto, é de suma importância que a sociedade conheça e entenda a situação que as mulheres enfrentam para ingressar no mercado de trabalho, sendo assim o presente estudo possui grande relevância social, uma vez que ao abordar essa temática esperasse que a sociedade brasileira se conscientize sobre a temática. Por ser uma sociedade localizada no Noroeste de Minas Gerais, portanto de formação colonial, ainda guarda muitos resquícios de machismo e misoginia, portanto estudos que abordem o papel das mulheres no mundo do trabalho muito podem contribuir com a afirmação das mulheres nessa sociedade.

Diante do exposto, o presente artigo buscou analisar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para ingressarem no mercado de trabalho, em especial a cidade de Brasilândia de Minas-MG; a pesquisa ainda investigou-se a existência de preconceito em relação ao mercado de trabalho bem como as dificuldades encontradas nesse processo de inserção.

Segundo as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2020) a cidade de Brasilândia de Minas está localizada no noroeste mineiro e conta com aproximadamente 16.748 habitantes e uma densidade demográfica de aproximadamente 5,67 hab/km. O salário médio em 2018 era de 1,9 salários mínimos em relação a população total a proporção de pessoas ocupadas era de 9,7%. Comparando com outros municípios do estado ocupava as posições 182 de 853 e 616 de 853, respectivamente. Ainda de acordo como o IBGE (2020) o município conta com 51,90 de homens e 48,10% de mulheres. Como todos os municípios da Região Noroeste de Minas Gerais, a economia é voltada para a Agricultura e a Pecuária.

3.METODOLOGIA

Tata-se de uma pesquisa qualitativa que foi realizada na cidade de Brasilândia de Minas- MG. Por meio de um questionário através de redes sociais (*Facebook*) e aplicativos de mensagem (*Whatsapp*), composta por nove questões fechadas geradas e tabuladas no *Google Forms*. A opção por essa modalidade de pesquisa se justifica porque ela foi efetivada no primeiro semestre do ano de 2021, momento em que se vivia a pandemia da Covid 19, e não seria possível a coleta de dados de outra forma.

O número de pesquisadas foram 111 mulheres da cidade de Brasilândia de Minas, a escolha da amostra foi aleatória apenas levando em conta o fato dessas mulheres ocuparem algum posto de trabalho no referido município.

Todas as mulheres que foram entrevistadas foram comunicadas sobre a possibilidade de desistência quando acharem conveniente, os dados informados pelas participantes foram totalmente conservados, e apenas foi publicado o que o entrevistado. Todas as participantes assinaram o Termo de Livre Esclarecimento, as suas identidades foram mantidas em sigilo.

A presente pesquisa teve riscos mínimos. E para minimizar os riscos apresentados foi certificado que todas as pessoas entrevistadas encontravam-se disponíveis, para a realização da mesma. A entrevista foi objetiva e rápida respeitando a disponibilidade de cada uma das entrevistadas.

4. REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com Seggiaro (2017) as mulheres da sociedade contemporânea estão a frente das organizações, porém ainda sofrem com a falta da equiparação salarial, machismo, assédio e adequação a padrões de beleza. A desigualdade entre homens e mulheres com o decorrer dos anos passa por algumas mudanças, mas está longe de se tornar algo extinto. A sociedade brasileira ainda precede de antecedentes onde sua cultura não permite a inserção total das mulheres ao mercado de trabalho sendo estas tratadas apenas como donas de casa e do lar onde a mulher é o ser que serve apenas para cuidar dos filhos e manter a casa e o homem a figura do trabalhador que leva o alimento para casa.

A mulher muitas vezes foi tratada como objeto, nos anos antigos as mulheres serviam apenas para ser a esposa perfeita e criar os filhos e manter a casa, através dos séculos que se passam essa história vem mudando e as mulheres se tornam cada vez mais independentes e livres para fazer suas próprias escolhas, se de fato quer ser mãe e cuidar da casa ou sair para trabalhar e trazer o alimento para casa também ajudando o seu marido, muitos movimentos feministas vêm ganhando força no decorrer do tempo mas o preconceito com as mulheres ainda é notado por todo mundo onde quer que estejam as mulheres ainda passam por problemas. (2017)

Conforme Bello (2012) antes do século XIX as mulheres eram dependentes dos homens só após a vinda de movimentos feministas que levaram às mesmas a conquistar um lugar na sociedade, ainda é afirmado pelo autor que antigamente um número menor de mulheres tiveram papéis importantes no mercado de trabalho. A história no que se refere as mulheres, tem sido profundamente evasiva.

É notório que em diversas organizações o homem é a figura do líder que a empresa

procura, muitas vezes as mulheres não são levadas em consideração para concorrer a uma vaga de um cargo mais relevante e de chefia na empresa como afirma o autor “As mulheres constituem minoria na ocupação de maior status, como, por exemplo, cargos de alta gerência e posições executivas, como *chief executive officer* (CEO), *chief financial officer* (CFO), *chief operations officer* (COO), além dos *boards* de diretores.” (HRYNIEWICZ, VIANNA, 2018).

As mulheres muitas vezes são deixadas para trás no mercado de trabalho por apresentar “fraquezas” segundo os empresários, pelo fato da mulher precisar de licença maternidade se por acaso vier a ter um filho, por esse fato as empresas optam por homens na hora da contratação e exclui as mulheres pois segundo eles a mulher trará mais prejuízo a empresa,

Apesar das diversas atribuições as mulheres como sexo frágil ou julgadas incapaz de competir com homens no mercado de trabalho a entrada das mulheres no mesmo contribuiu bastante para a economia nesta realidade, a entrada da mulher no mercado melhorou suas vidas, porque existem argumentos teóricos que as mulheres ao ingressar no mercado de trabalho diminui o casamento precoce e a gravidez, e aumenta dessa forma a influência da mulher dentro do seu lar e as oportunidades de seus filhos, aumentando a renda familiar dessa forma as mães podem buscar meios mais rentáveis para os filhos. (BELLO, 2012)

Segundo Seggiaro (2017) Após várias revoluções as mulheres deixaram de ser submissas aos homens, e conquistam suas independências cada vez mais sendo ela pessoalmente e financeiramente, apesar de algumas ainda enfrentarem diversas dificuldades no seu dia a dia para combater a discriminação, as mulheres hoje ocupam cargos altos antes ditos masculinos, antes não se imaginava jamais que uma mulher poderia ocupar um cargo de presidente, governante, gestora de empresa, entre outras profissões. Com o passar dos séculos por mais que ainda tenham muitas lutas para se combater no meio feminino, as mulheres ocupam cargos hoje que antes eram impossíveis de se imaginar uma mulher ocupando, através de várias lutas o papel da mulher vem sendo reconhecido pela sociedade e sua ingressão no mercado auxilia muito na diminuição da pobreza, pois dessa forma a família se tem mais renda, e cada vez mais vem se criando políticas onde se melhora a posição das mulheres na sociedade. Trazendo uma melhoria significativa para todas as mulheres que desejam ingressar no mercado.

A falta de diversidade nas organizações é muito grande, algumas empresas contam apenas com o trabalho do homem por considerar a mulher um sexo frágil e de poucos serviços se comparada ao homem.

As desigualdades entre as funções desempenhadas por homens e mulheres,

que as identificaram ou com a rua ou com a casa, não vieram desacompanhadas de uma valorização cultural. Isto é, as atividades masculinas foram mais reconhecidas pelas mulheres, razão pela qual foram dotadas de poder e de valor. O trabalho era o que de fato conferia poder ao marido, assim como lhe outorgava pleno direito no âmbito familiar, ao mesmo tempo que o tornava responsável, ainda, que de modo formal pela manutenção, assistência e proteção dos seus. (MALUF, MOTT, 2010, p.380 e 381).

Como o autor supracitado a mulher desde os tempos antigos eram dependentes dos homens para se manter, o homem era figura de maior valor para a sociedade pois era aquele que levava o alimento para casa, já a mulher apenas a pessoa responsável por manter o lar.

Segundo o IBGE (2010), a cidade de Brasilândia de Minas tem aproximadamente 14 226 habitantes dentre a população 5288 são mulheres e destas apenas 2941 estão aptas a ingressar no mercado de trabalho.

A população Brasilandense não conta com uma grande ocupação de mulheres no mercado de trabalho, a maior arte da renda da cidade provem de uma empresa localizada no município vizinho, e João Pinheiro. Onde a maioria dos colaboradores são homens e os cargos de chefia da empresa também conta com um maior número do público masculino.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste item será abordado o resultado obtido através da coleta de dados.

A primeira pergunta visou identificar a faixa etária das pessoas entrevistadas.

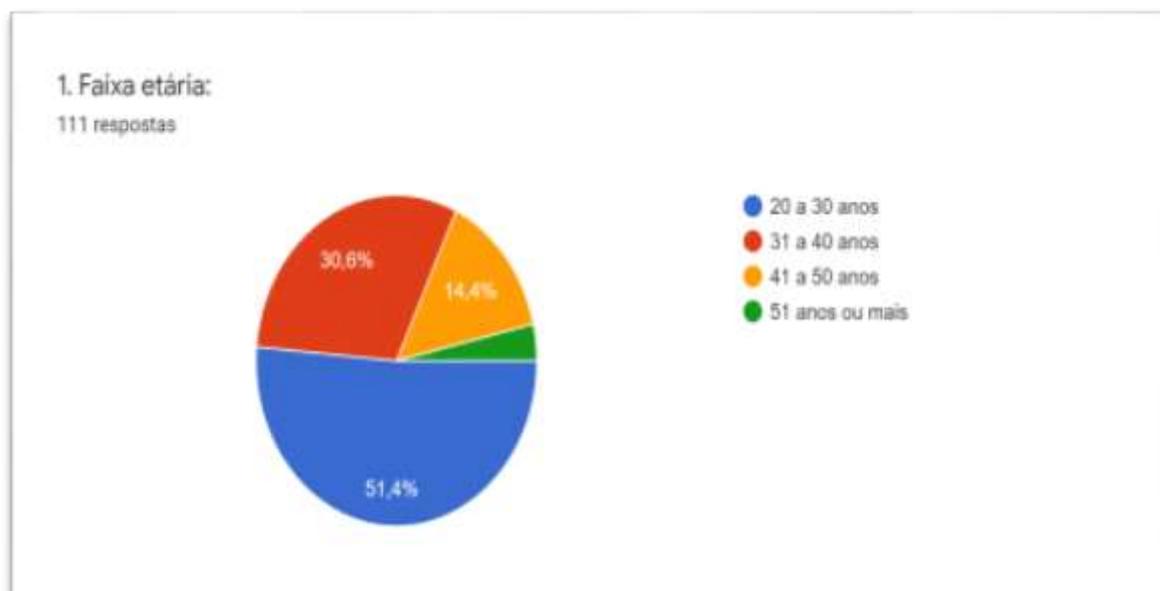


Gráfico 1: Idade das pessoas entrevistadas

Fonte: Pesquisa direta, 2021

No gráfico 01 foi apresentado a faixa etária das entrevistadas, 51,4% têm de 20 a 30 anos, 30,6% têm de 31 a 40 anos de idade, 14,4% têm de 41 a 50 anos de idade e 3,6% tem mais de 51 anos de idade. Observa-se que a maior parte das mulheres entrevistadas estão na faixa dos 20 aos 40 anos de idade que totalizou 82% das entrevistadas. Essa é uma idade que a mulher precisar arcar com dupla ou tripla jornada de trabalho. Pois se trata do período de filhos pequenos, muitas vezes elas ainda estão frequentando universidades e precisam conciliar a jornada de estudante, mãe e profissional. Essa dificuldade foi constatada pelo IBGE (2019) “A presença de crianças pequenas, de até três anos, reduz de forma significativa a participação das mulheres no mercado de trabalho. Em lares com crianças de até três anos, o nível de ocupação das mulheres de 25 a 49 anos era de 54,6% em 2019. No caso de domicílios sem crianças nessa faixa etária, a taxa era de 67,4%. A tendência do nível de ocupação é oposta entre os homens: maior nos lares com filhos pequenos (89,2% em 2019) e menor nos demais (83,4%)”

A segunda pergunta objetiva saber o estado civil da participantes na pesquisa.

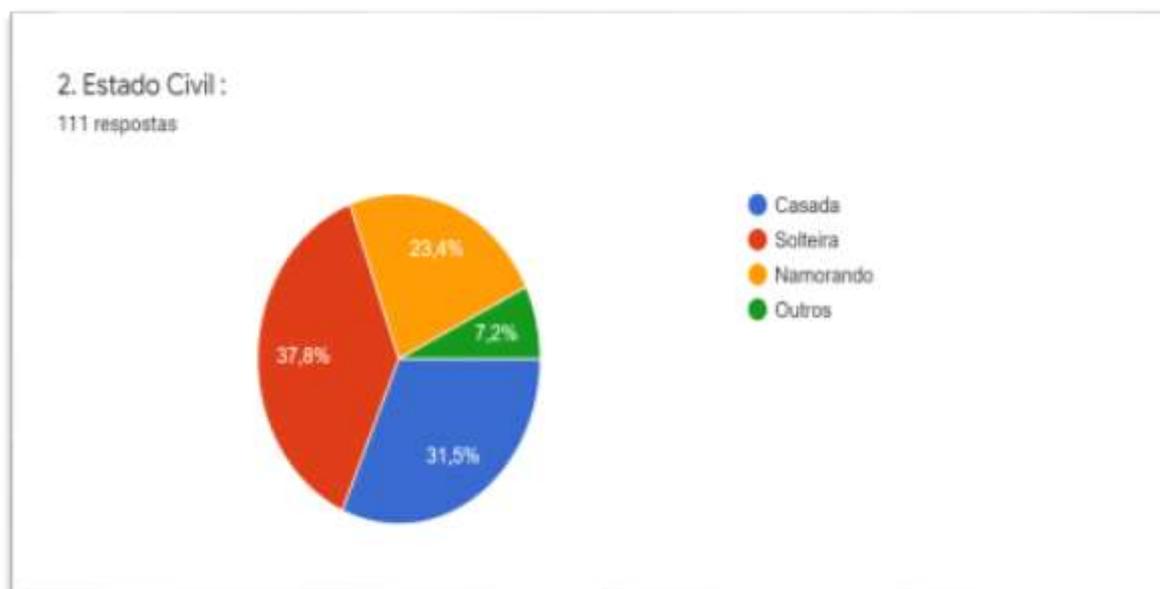


Gráfico 2: Estado civil das pessoas entrevistadas.

Fonte: Pesquisa direta, 2021

No gráfico 02 pode ser visualizado o estado civil das entrevistadas sendo 37,8% declararam estar solteiras, 31,5% declararam estar casadas, 23,4% namorando e 7,2% outros. Aqui temos o equilíbrio entre casadas e solteiras. Observa-se que o fato do casamento não influenciou tanto as mulheres quanto a entrada no mercado de trabalho. Segundo (BLAY, 1975) a mulher trabalhadora muitas vezes ainda fica presa ao papel de mulher doméstica, por todos os rótulos estipulados pela sociedade não conseguindo ter outros comportamentos ligados ao mercado de trabalho. A pesquisa evidencia avanços na entrada e permanência das mulheres casadas no mercado de trabalho. Tornando cada vez mais constante as dupla ou triplas jornadas de trabalho. Como bem observou Del Priore (2014, p.19) sobre a mulher do Brasil no passado “a maior parte das meninas não aprendia a ler. Passavam a meninice entre o oratório e a esteira. Ensinavam-lhes a fazer rendas, bordado e costura. Esperava-se que fossem incultas, piedosas, prisioneiras da casa.”

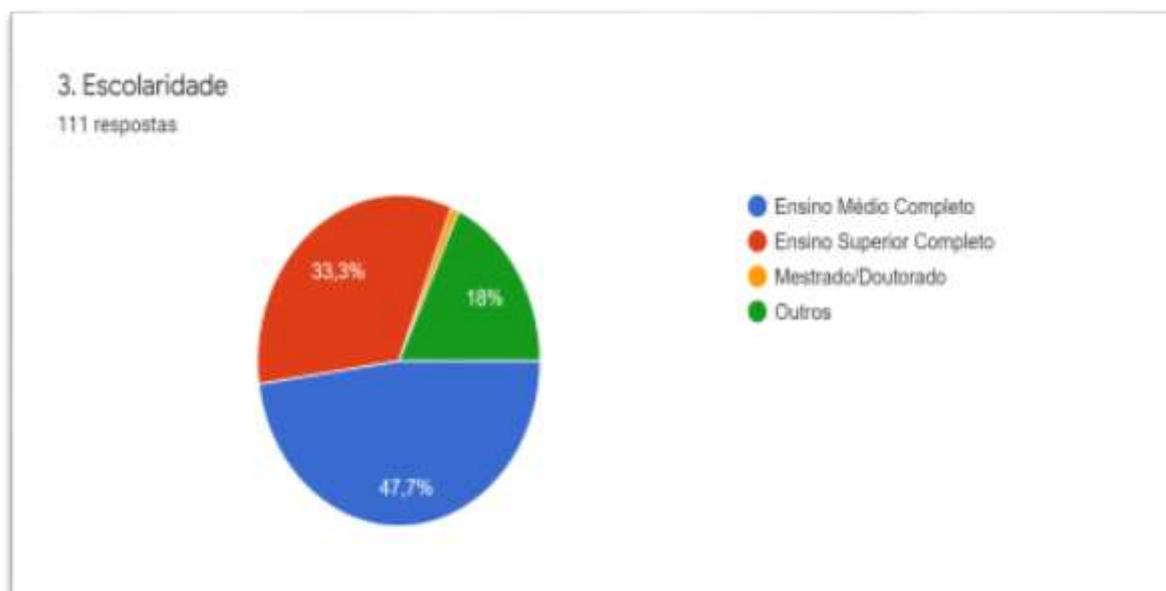


Gráfico 3: Escolaridade das pessoas entrevistadas.

Fonte: Pesquisa direta, 2021

No gráfico 03 apresenta o percentual de escolaridade das pessoas entrevistadas, onde 47,7% informaram possuir o ensino médio, 33,3%, possuem ensino superior, 0,9% possuem mestrado/doutorado e 18% informaram possuir outro grau de escolaridade. Conforme Ferreira (2000) a educação ainda é um grande fator explicativo para a desigualdade brasileira. É possível perceber que muitos ainda enfrentam dificuldades ao ingressar no mercado de trabalho por falta de escolaridade. Fator que pode ser comprovado no gráfico 6 onde 8,1% das entrevistadas consideram que não conseguiu emprego por falta ou baixa escolaridade. Sem sombras de dúvidas as dificuldades das mulheres de Brasilândia de Minas acompanham uma tendência nacional, quanto maior a escolaridade, maiores são as oportunidades. Ser mulher no Brasil e enfrentar um mercado de trabalho competitivo, não é tarefa fácil. E isso pode ser ainda mais difícil quando se trata de uma mulher com baixa escolaridade. As vagas de trabalho vão ser restritas às profissões de baixa remuneração como doméstica, diarista, gari, trabalhadora rural, cozinheira e faxineira.

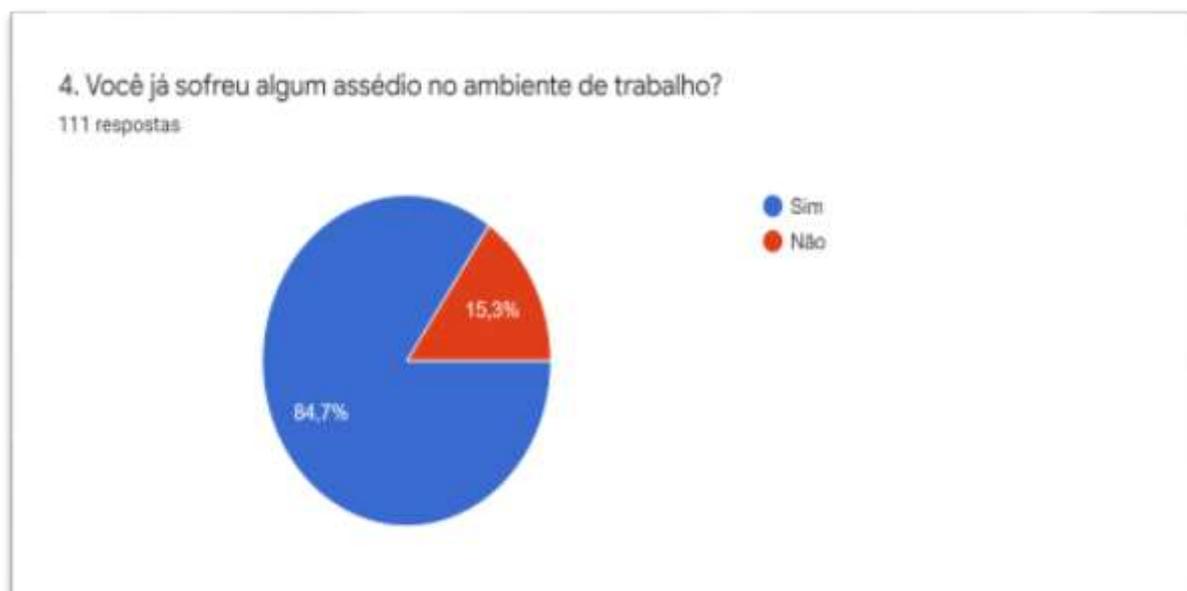


Gráfico 4: Percentual de assédio sofrido pelas pessoas entrevistadas

Fonte: Pesquisa direta, 2021

No gráfico 4 observa-se que as pessoas entrevistadas que já sofreram algum tipo de assédio no ambiente de trabalho representam 84,7%, enquanto 15,3% não sofreram nenhum tipo de assédio no ambiente trabalhista. Dentre o percentual de entrevistadas, percebe-se que a maioria das mulheres sofreu assédio no ambiente de trabalho seja ele moral ou sexual, esse problema é muito enfrentado pelas mulheres e não é de hoje, vem de muitos anos como afirma o autor abaixo sobre o assédio moral:

Assédio moral ou violência moral no trabalho não é um fenômeno novo. Pode-se dizer que ele é tão antigo quanto o trabalho. Ele consiste na repetição deliberada de gestos, palavras (orais ou escritas) e/ou comportamentos de natureza psicológica, os quais expõem (o homem ou a mulher), a servidora, a empregada ou a estagiária, ou grupo de servidoras e empregadas a situações humilhantes e constrangedoras, capazes de lhes causar ofensa à personalidade, à dignidade ou à integridade psíquica ou física, com o objetivo de excluí-las das suas funções ou de deteriorar o ambiente de trabalho. (SPEZIA, 2018, p.18)

O assédio é algo muito visto nas organizações, um problema enfrentado por todos, como meio para discriminar uma pessoa, é de suma importância a divulgação do mesmo para que esse problema seja diminuído aos poucos. (SPEZIA, 2018)

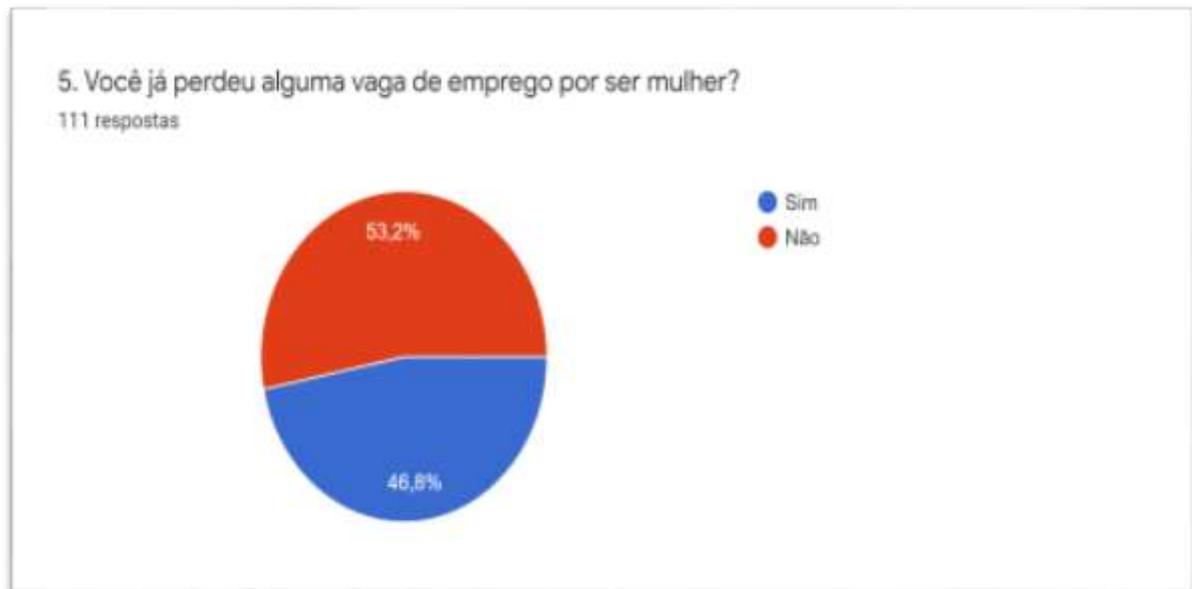


Gráfico 5: Percentual de perda de vagas de emprego das pessoas entrevistadas.

Fonte: Pesquisa direta, 2021

O gráfico 5 evidencia que 46 % das entrevistadas já havia perdido uma vaga de emprego por ser mulher. Conclui-se então que muitas empresas ainda julgam as mulheres como submissa aos homens ao escolher entre um dos gêneros para se ocupar um cargo.

Fato muito bem registrado na literatura:

A segregação é o resultado da forma como as mulheres se inserem no mundo produtivo e, mesmo quando parte dos empregadores manifesta resistência à contratação de mulheres para determinadas ocupações ou cargos, a sua decisão estará sendo orientada por uma compreensão e uma naturalização dos papéis sociais atribuídos aos sexos. (TEIXEIRA, 2017, p. 144).

Apesar da constituição Federal e a CLT rezarem que não pode haver discriminação entre sexo para seleção de funcionários, o que se observa na prática a existência de preferência pelo sexo masculino por parte de muitas empresas no momento da contratação. Fazendo portanto, perpetuar o preconceito e a discriminação com a mulher no mercado laboral.



Gráfico 6: percentual de dificuldades enfrentadas no mercado pelas entrevistadas

Fonte: Pesquisa direta, 2021

O gráfico 6 demonstra que 49,5% disseram ter enfrentado a desigualdade salarial, enquanto 21,6% relatam o fato de ser mãe como um dos fatores dessas dificuldades, 12,6% responderam outra opção, 8,1% responderam falta de escolaridade, 3,6% disseram idade avançada, e 4,5% responderam que nunca enfrentaram dificuldades. A partir dos dados percebe-se que mais de 60% das mulheres enfrentam duas dificuldades com mais frequência que é a desigualdade salarial e o fato de ser mãe, dificuldades essas que não surgem nos tempos modernos e sim desde tempos mais passados.

As mulheres tinham cargos em que os salários eram menores, apenas pelo fato de ser mulher, o que muitas vezes favorecia para que as mulheres não procurassem emprego e continuava em casa fazendo o papel de mãe e esposas. “A base material para a opressão dos homens sobre as mulheres, o patriarcado, era assegurada, relegando às mulheres empregos mal pagos, muitas vezes análogos ao trabalho doméstico”(HARTMANN, 1979; FOLBRE 1994, p. 95).



Gráfico 7: Percentual de cargos de liderança ocupado pelas entrevistadas

Fonte: Pesquisa direta, 2021

O gráfico 7 representa as respostas das entrevistadas quando questionadas se já haviam ocupado um cargo de liderança em alguma organização, 88,3% disseram que não, e 11,7% disseram já ter ocupado algum cargo de liderança, mais de 80% das mulheres entrevistadas nunca conseguiram ocupar um cargo de liderança, isso nos leva a perceber que as mulheres são tratadas de forma diferente quando se trata da questão de liderar as organização muitas vezes acham as mulheres seres fracos para esse cargo e optam pelos homens conforme (HRYNIEWICZ, VIANNA, 2018).

A dificuldade de liderar das mulheres é algo real, ainda existem grandes preconceitos, por parte do gênero masculino principalmente, para mulheres liderar homens e ainda mais velhos é um grande desafio, por não ser algo tão comum as pessoas não estão acostumadas com esse relacionamento.

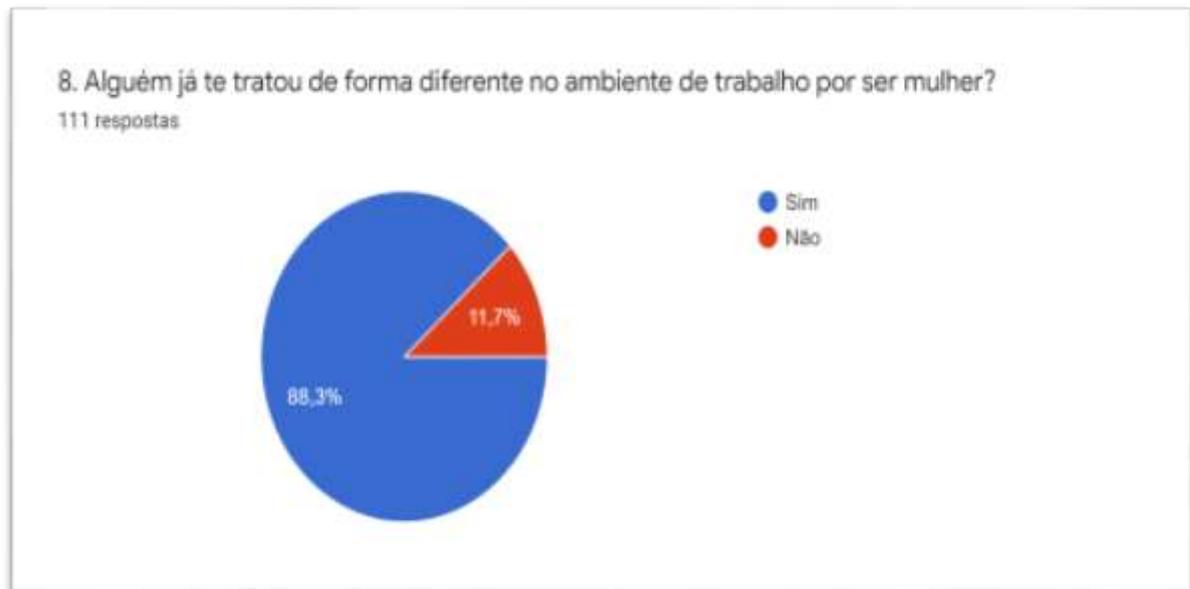


Gráfico 8: Forma que as entrevistadas são tratadas no mercado de trabalho

Fonte: Pesquisa direta, 2021

No gráfico 8 as entrevistadas informaram se já haviam sido tratadas de forma diferente no ambiente de trabalho por ser mulher, 88,3% responderam que sim, e 11,7% responderam não, através das respostas é perceptível que mulheres sofrem discriminação no ambiente de trabalho seja por parte dos empregador ou empregados, “A discriminação ocorre de várias maneiras, dentre estas: a desigualdade de remuneração para função semelhante à desempenhada por homens; a desigualdade no acesso e permanência no emprego; a desigualdade nas oportunidades da ascensão e formação profissional; assédio moral” (ARAÚJO, MOURÃO, 2012,p.75). Portanto as mulheres enfrentam várias barreiras quando se trata da ingressão no mercado e ao entrar ainda enfrentam dificuldades para permanecer nesse ambiente.

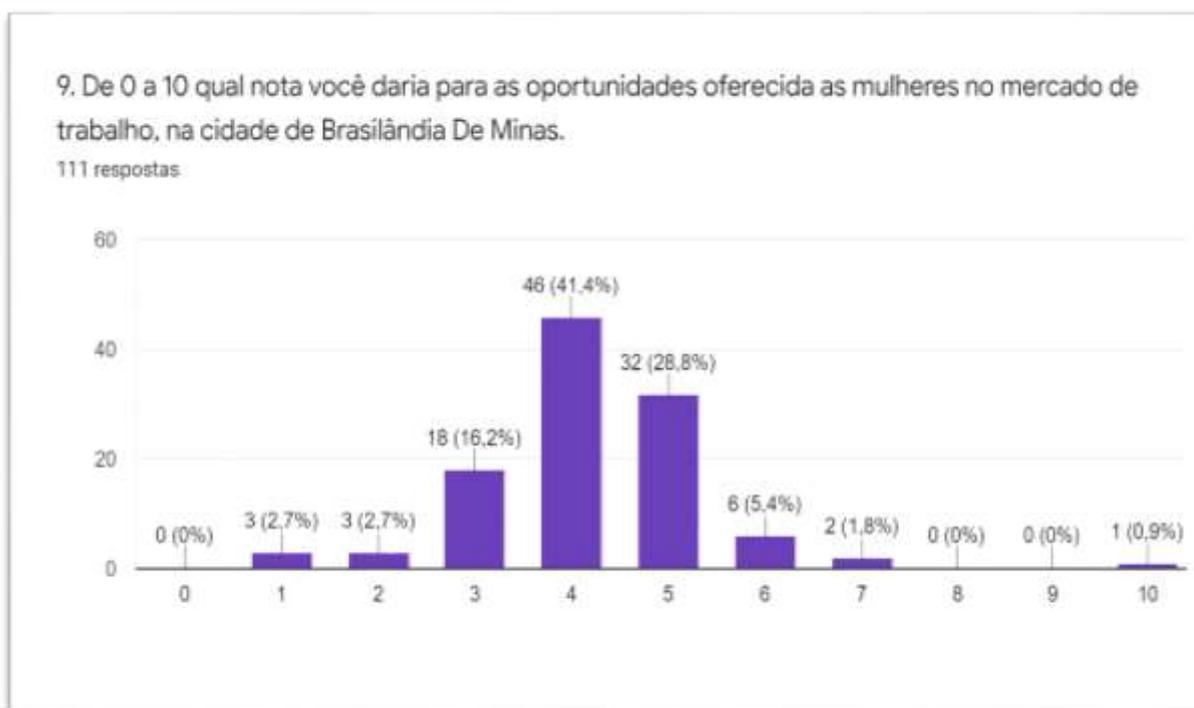


Gráfico 9: Grau de satisfação das entrevistadas com as oportunidades de emprego

Fonte: Pesquisa direta, 2021

No gráfico 09 observa-se o grau de satisfação das entrevistadas com as oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho as mulheres da cidade de Brasilândia de Minas em uma escala de 0 a 10 onde 0 era completamente insatisfeito e 10 completamente satisfeito o 10 teve 0,9% e o 0 0%, sendo as maiores porcentagens ficaram no 4 com 41,4% e 5 com 28,8%. Esses dados mostram um médio grau de satisfação das entrevistadas, as notas 2, 3, 4, 5 e 6 somam 72,2% de aprovação

Conclui-se então que a cidade não tem um mercado viável para as mulheres levando mais em consideração na hora de contratar o gênero masculino que como vimos no gráfico 5 onde 46,8% das mulheres já perderam vagas de emprego por ser mulher. Conforme GURGEL(2013) apesar de possuir maior taxa de escolaridade em relação ao sexo masculino, as mulheres ainda são discriminadas em relação a ocupação de cargos no mercado, não tendo o mesmo reconhecimento que homens ao ser contratada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo nos permitiu identificar que as maiores dificuldades enfrentadas

pelas mulheres da cidade de Brasilândia de Minas ao ingressar no mercado de trabalho são muitas mas dentre elas se destacam o fato de ser mãe onde 21,6% das entrevistadas disseram ter enfrentado essa dificuldade, e também a desigualdade salarial onde 49,5% das entrevistadas passaram por esse problema. Certamente a maternidade somada às tarefas do mercado laboral se avoluma e torna mais difícil para a mulher se inserir e se manter no mercado de trabalho, uma vez que ambas as tarefas requerem muito esforço dela.

O preconceito por ser mulher ainda existe, muitas das organizações evitam colocare, as mulheres em cargos mais altos, por achar que não irão conseguir chefiar outros homens, por serem consideradas como sexo frágeis e também são vistas como donas de casa por muitos. As empresas também levam mais em conta na hora da contratação o sexo masculino como critério de escolha, 88,3% das mulheres entrevistadas responderam que nunca ocuparam um cargo de liderança em alguma organização. Nesse sentido se evidencia a importância de pesquisas sobre a temática. Uma vez que elas contribuem para o debate público da temática e consequentemente a melhoria da forma da sociedade enxergar a temática.

A pesquisa de campo possibilitou perceber que o assédio está presente no ambiente de trabalho tanto o moral quanto o sexual. E que as mulheres são alvos de assédio na maior parte dos locais onde trabalham. Isso está longe de ser resolvido, pois ainda é a maioria que enfrenta esse problema, 84,7% das entrevistadas disseram já ter enfrentado situações de assédio.

As mulheres ainda enfrentam problemas no mercado, pois o mundo por mais modernizado que esteja ainda não consegue incluir as mulheres satisfatoriamente no mercado de laboral e tratá las da mesma forma que os homens. É notório que esta busca por igualdade ainda está longe de acabar pois o preconceito machista, que vêm desde os tempos mais antigos e em cidades do interior como em Brasilândia de Minas pode-se notar que isso é bem mais forte. Então a luta pela inclusão das mulheres no mercado deve continuar, pois ainda são muitas as dificuldades enfrentadas por elas.

Esse trabalho buscou mostrar as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao ingressar no mercado de trabalho na cidade de Brasilândia de Minas. E podemos perceber que as entrevistadas não estão totalmente satisfeitas com as oportunidades oferecidas a elas pela cidade, e ainda enfrentam muitas dificuldades ao tentar ingressar no mercado de trabalho. Ele não esgota a temática, esperamos que novos pesquisadores regionais possam adentrar nesse debate, como forma de denunciar e minimizar o preconceito contra a mulher no noroeste de Minas, mas precisamente em Brasilândia.

A cidade de Brasilândia de Minas conta com maior atuação das mulheres no mercado

de trabalho nas zonas rurais onde fazem serviços braçais e outras como empregadas domésticas a cidade tem ainda uma ocupação grande de mulheres nos cargos de supervisão, secretária, professora, mas ainda assim, o mercado não é favorável de modo geral, levando as mulheres a sofrer preconceito ao tentar ingressar no mercado.

7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

219

ABID, MaronEmileAbi. MIRANDA, Danilo Santos. Em busca da inserção das mulheres na sociedade brasileira. In: **Mulheres brasileiras e Gênero nos espaços públicos e privado: uma década de mudança na opinião pública**. Gustavo Venturi e Tatau Godinho (orgs.) – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP,2013.504

ARAÚJO, Adriane Reis de, MOURÃO, Tânia Fontenele. **Trabalho da Mulher: Mitos, riscos e transformações**. 2012.São Paulo, p. 75

BELLO, José Luiz de Paiva. **Educação da mulher: a perpetuação da injustiça**. Rio de Janeiro: clube de autores, 2012.

BELLOTO, H.L. **Arquivos Permanentes: Tratamento documental**.3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV,2005.

BLAY, Eva. “Trabalho Industrial X Trabalho Doméstico – A ideologia do trabalho feminino”. **Cadernos de Pesquisa**, (15), dez. 1975, p.13

DEL PRIORE, Mary. **Conversas e histórias de mulher**. 2ed. São Paulo: Planeta,2014.

FERREIRA, F. **Os determinantes da desigualdade de renda no Brasil: luta de classes ou heterogeneidade educacional?** Rio de Janeiro: PUC-Rio, fev. 2000.

FOLBRE, Nancy; HARTMANN, Heidi. **The rethoric of self-interest: ideology and gender in economic theory**. In: KALMER; MCCLOSKEY; SOLOW (Ed.). The consequences of economic rhetoric. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

GURGEL, Maria pereira Y. Discriminaçãonas relações de trabalho por motivos de gênero. **Revista Digital Constituição e Garantia de Direitos**, v. 3, n. 01, 15 out. 2013.

HRYNIEWICZ, Lygia Gonçalves Costa; VIANNA, Maria Amorim. **Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em cargos gerenciais**. FGV EBAPE, V. 16, nº .3, p. 331-344, Rio de Janeiro, Jul./set.2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTASTÍTICA (IBGE). **IBGE Cidades Minas GeraisBrasilândiadeMinasPanorama**.Disponívelem:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/brasilandia-de-minas/panorama>. Acesso em 27 de outubro de 2020.

MALUF, Mariane; MOTT, Maria Lúcia. Recôndito do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.) **História da vida privada no Brasil República: da Belleépoque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, V.3, p. 368-421, 1998.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a historia de vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 1, n. 2, p.135-148, jul./dez. 1999.

SEGGIARO, Felipe Balestrin. Mulheres no mercado de trabalho: análise das dificuldades de gênero do século XXI. **Revista metodista de Administração**, v. 2, n.º. 1, p. 84-107, 2017.

SPEZIA, Alexandre. Assédio moral contra mulheres: um estudo sobre as ações afirmativas para sua prevenção à luz dos fundamentos da Política Nacional de Turismo. 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

TEIXEIRA, Marilane. **Um olhar da economia feminista para as mulheres**: os avanços e as Permanências das mulheres no mundo do trabalho entre 2004 e 2013. Tese (Doutorado)—Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, 2017.